

## A VELHINHA

Era uma pequena mulher, que já "emplacara" setenta e seis anos. Sua saúde não era tão ruim: pressão alta; de vez enquanto uns zumbidos nos ouvidos; dores nas articulações; em dias mais agitados, o valente coração batia fora de tempo; óculos para perto, quando fazia tricô ou crochê. Tomava seus remédinhos (Persantim-75, bridina, lasix, analgésicos), rezava bastante, principalmente no cemitério, onde ia toda semana, lavava a própria roupa e assistia a suas novelinhas.

Dormia e levantava cedo, para cuidar da pequena horta (dois canteiros) e das flores (um canteiro e muitos vasos). De tarde, conversava com algumas vizinhas, às quais ajudava (gratuitamente) nos trabalhos domésticos.

Tivera cinco filhos (três rapazes e duas meninas), que estavam encaminhados e moravam em outras cidades. Raramente escreviam. Mais raramente vinham vê-la. E estavam certos, pois as ocupações de cada um, tomavam-lhes todo o tempo.

Há dez anos, o velho companheiro (único namorado) fora embora, deixando-a numa viuvez amarga e dolorida. Todavia, enquanto viveram juntos, foram muito felizes.

Logo depois da morte do marido, para sobreviver com dignidade, sem precisar dos filhos, vendera uma pequena casa que lhe tocara como meação, colocando o dinheiro na poupança da caixa econômica. (Esta resolução foi tomada porque um dia ouviu dois filhos falarem em casa de repouso para velhos e ela tinha horror de asilos).

Com o rendimento mensal (cerca de um milhão de cruzeiros) dava para ela alugar um quarto, com pensão na casa de uma amiga. E a vidinha fluía sem maiores tropeços, só esperando que Deus viesse buscá-la, quando entendesse certo.

E todos os meses a mesma rotina: no dia primeiro vinha para o centro. Recebia a correção monetária e os juros, pagando logo as contas.

No dia vinte e oito de fevereiro último, pela televisão, ficou sabendo que o governo trocara o nome do dinheiro (de cruzeiro para cruzado), congelando todos os preços. Não deu maior importância para as notícias, já que não tinha poder para mudar nada.

No dia três de março (segunda-feira) foi de novo até a caixa econômica, para sacar seu dinheirinho. Na ocasião, o gerente (que conhecia sua vida e era muito bom) informou-lhe que aquele era o último mês que iria receber integralmente os rendimentos do depósito. O moço explicou tudo direitinho.

Voltou para seu quarto, caminhando lentamente e pensando: Como é que vou viver sem o dinheiro da poupança? Já não tenho mais forças para o trabalho, para ser empregada doméstica, lavar roupa para fora... Será que os filhos vão colocar-me numa casa de repouso, num asilo? E concluiu que pior que o desconhecido é o sofrimento, a privação, a miséria...

Pagou todas as contas. De tarde foi até o quintal ver a pequena horta e as flores. A alface e o almeirão estavam uma beleza... As flores, no chão e nos vasos, estavam lindas... De noite, recolheu-se mais cedo. Ficou de pé em frente da cômoda, onde estavam os seus santos e rezou bastante, principalmente para Nossa Senhora da Aparecida. Pensou muito no marido e em cada um dos cinco filhos, revendo, mentalmente, o rosto de cada um. Todos eram bonitos, bons e sadios... gostaria de tê-los por perto. Depois, sentou na beirada da cama e, de uma só vez, tomou um copo grande de laranjada, misturada com Aldrim-40.